



FACULDADES ADAMANTINENSES INTEGRADAS – FAI

**O MITO DA PARELHA ALADA: REFLEXÕES ACERCA DAS POSSÍVEIS
INFLUENCIAS GREGAS NA TEORIA FREUDIANA**

MARCELO ALVES DE OLIVEIRA ARRUDA

BACHAREL EM PSICOLOGIA

**ADAMANTINA – SP
2007**

MARCELO ALVES DE OLIVEIRA ARRUDA

**O MITO DA PARELHA ALADA: REFLEXÕES ACERDA DAS
POSSÍVEIS INFLUENCIAS GREGAS NA TEORIA FREUDIANA**

**Trabalho Acadêmico apresentado ao Departamento
de Psicologia como requisito para obtenção do
título de Bacharelado em Psicologia sob orientação
do Prof. Ms. Eneida Silvera Santiago.**

**ADAMANTINA – SP
2007**

MARCELO ALVES DE OLIVEIRA ARRUDA

Folha de Aprovação

Adamantina, ____ de _____ de 2007.

Assinaturas

Orientador:
Examinador:
Examinador:

Resumo

Através de uma análise literária das obras de Freud e Platão, buscou-se encontrar, entre a literatura de ambos, semelhanças quanto a fundamentação de determinados fenômenos e instâncias psíquicas, por exemplo, o Daimónion de Sócrates e o superego de Freud. O cerne da pesquisa é o que intitula o trabalho, “o mito da parelha alada”, narrado no livro Fedro, do autor Platão, onde tentou-se explicar a luta interna do ser humano entre tendência boas e más, o autor recorre ao mito de um cocheiro que tem a missão de conduzir uma carruagem com dois cavalos sendo um bom e o outro ruim, portanto cada um tendia para um caminho, fato esse que dificultava muito a condução do cocheiro. Por outro lado existe a teoria freudiana da estrutura do inconsciente dividindo o inconsciente em três partes sendo-as id, ego e superego que de forma sintetizada corresponderia o id às pulsões, instintos e desejos dos indivíduos, o superego seria toda a interiorização das regras, preceitos, moral e ética e cabe ao ego a função de intermediar a relação dessas estruturas com a realidade. A pesquisa foi realizada ao longo do ano de 2007 fazendo diversos apontamentos e questionamentos sobre esses e outros pontos comuns entre os dois autores. Concluindo-se que, embora Freud faz uso de uma linguagem científica, é perceptível que, por diversas vezes, o autor recorreu aos mitos gregos na formulação e exemplificação de suas teorias.

Palavras-chave: Psicanálise. Mitologia. Freud. Platão. Inconsciente.

Abstract

Through one it analyzes literary of Freud's works and Plato, was looked for to find among the literature of both likeness as the fundamentação certain phenomena and psychic instances, for instance, Sócrates's daimónion and Freud's superego. The duramen of the research is what entitles the work, " the myth of the winged " team, narrated in the book Fedro, of author Platão, where it tried to explain the human being internal fight among good and bad tendency, the author falls back upon the myth of a coachman that has the mission of leading a carriage with two horses being a good one and the other bad, therefore each one tended for a road, fact that that hindered the coachman's conduction a lot. On the other hand the theory freudiana of the structure of the unconscious exists dividing the unconscious in three parts being them id, ego and superego that it would correspond the id the pulsões, instincts and the individuals' desires in a synthesized way, the superego it would be the whole interiorização of the rules, precepts, morals and ethics and it falls to the ego the function of intermediating the relationship of those structures with the reality. The research was based along the year of 2007 making several notes and questionamentos on those and other common points among the two authors. Being ended that although Freud makes use of a language it informs, it is perceptible that for several times the author fell back upon the Greek myths in the formulation and exemplificação of your theories.

Keywords: Psychoanalysis. Mythology. Freud. Plato. Unconscious.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	07
1 PLATÃO E SUAS TEORIAS.....	09
1.1 Breve Histórico.....	09
1.2 Mitos.....	13
1.3 Os mitos Hoje.....	15
1.4 Fedro.....	16
1.5 O mito da parelha alada.....	17
2 FREUD	18
2.1 Breve Histórico.....	18
2.2 Divisão do Inconsciente.....	22
2.3 Id.....	22
2.4 Superego.....	23
2.5 Ego.....	23
2.6 Freud e suas analogias gregas.....	23
3. AS RELAÇÕES ENTRE OS AUTORES.....	25
3.1 Tendências que nos governam e a teoria freudiana.....	25
3.2 O Daimónion de Sócrates e o superego.....	26
3.3 O mito da parelha alada, ponto máximo de encontro entre os dois autores.....	27
Conclusão.....	30
Referencias Bibliográficas.....	31

Introdução.

Ao longo de toda existência humana sempre houve a necessidade de “acreditar” em algo, termos um “forte” a recorrermos quando necessário, daí obviamente houve também a necessidade de se buscar algo em que acreditar. Não bastou sermos algo, estarmos em um planeta, sermos dotados de sentimentos. Precisamos entender desde questões básicas como: quem somos? De onde viemos? Como se formou o universo e a terra, bem como questões mais particulares como de onde vem os pensamentos e sentimentos?

A busca por essas questões remete a uma época anterior a própria ciência, mas isso não significa que inúmeras teorias não fossem então criadas. Nesse ponto passamos a falar dos mitos, mais precisamente os mitos gregos, que foram, a forma de explicar o mundo e o ser humano que os gregos encontraram (BULFINCH, 2001).

E como podemos descrever no que disseram? A única fonte de pesquisa talvez fosse a curiosidade intrínseca do ser humano e o dom de observar. O que dizer sobre uma vontade inexplicável, seja boa ou má? Os gregos acreditavam que seus deuses os influenciavam, o próprio Sócrates relata a existência de seu Daimónion, uma força sobrenatural que o obrigava a fazer ou dizer tais coisas mesmo contra sua vontade (ROGUE, 2005) uma idéia ainda tão atual na sociedade contemporânea. Portanto, surgiu Freud que, provavelmente, fazendo uso da própria mitologia grega (MEZAN, 1982), desenvolveu sua teoria do inconsciente dividindo-o e nomeando assim o “Daimon” de Sócrates como “superego” e os desejos “inexplicáveis” para os gregos como forças de seu inconsciente, uma manifestação de seus instintos, formulando assim sua teoria tal qual conhecemos hoje.

Eis acima o que visa esse trabalho. Após um levantamento histórico dos dois autores em voga, será feita uma análise que visa correlacionar o mito da parelha alada descrito no livro de Platão com a teoria do inconsciente de Freud. Algumas questões como: Até em que ponto o mito platônico e a teoria freudiana dizem a mesma coisa? Servirão como foco para a análise.

Quando Platão fala da difícil tarefa do cocheiro em conduzir uma carroça puxada por dois corcéis e descreve esses corcéis sendo um de natureza boa e o outro de natureza ruim, posteriormente Freud elabora os conceitos de id, ego e superego, cabendo ao ego a tarefa de intermediar as pulsões do id representando toda gama de instintos humanos e, por outro lado, o superego representando toda moral humana adquirida socialmente, é perceptível um paralelo. Como se os autores falassem da mesma coisa, ou seja, ambos falam de forças inconsciente no ser humano, ambos falam de um homem dividido entre o bem e o mal tendo a difícil missão de seguir sua vida atendendo tanto o lado ruim quanto lado bom mantendo assim um equilíbrio.

Platão utiliza da criação de um mito, com uma linguagem simples e direta. Freud deleita-se em suas leituras e elabora suas teorias respeitando técnicas e pautando-se na cientificidade, buscava uma explicação racional com todo rigor científico, no entanto, como mostrará esse trabalho, provavelmente cientificando um mito grego.

1 PLATÃO E SUAS TEORIAS.

1.1 Breve Histórico

Acredita-se que tenha nascido em 428/27 a.C. vindo a falecer 347 a.C. Foi um filósofo grego, discípulo de Sócrates, fundador da Academia de Platão, Mestre de Aristóteles. Platão ocupou-se com vários temas, entre eles ética, política, metafísica e teoria do conhecimento. (ROGUE, 2005)

Seu pai tinha como ancestral o rei Codros e sua mãe tinha Sólon entre seus antepassados. Inicialmente, Platão entusiasmou-se com a filosofia de Crátilo, um seguidor de Heráclito. No entanto, por volta dos 20 anos, encontrou o filósofo Sócrates e tornou-se seu discípulo até a morte deste. Pouco depois de 399 a.C., Platão esteve em Mégara com alguns outros discípulos de Sócrates, hospedando-se na casa de Euclides. Em 388 a.C., quando já contava quarenta anos, Platão viajou para a Magna Grécia com o intuito de conhecer mais de perto comunidades pitagóricas. Nesta ocasião, veio a conhecer Arquitas de Tarento. Ainda durante essa viagem, Dionísio I convidou Platão para ir à Siracusa, na Sicília. Platão parte para Siracusa com a esperança de lá implantar seus ideais políticos. No entanto, acabou por se desentender com o tirano local e retorna para Atenas. (ROUGUE, 2005)

Em seu retorno, funda a Academia de Platão, nome da escola fundada por este filósofo, aproximadamente em 387 a.C., nos jardins localizados no subúrbio de Atenas, consagrados ao herói Academos. Caracterizou-se, inicialmente, pela continuidade dos trabalhos desenvolvidos pelos pitagóricos, com os quais Platão mantinha estreita relação: particularmente com seu mestre Teodoro de Cirene e Arquitas de Tarento. É considerada a primeira escola de filosofia situada no subúrbio de Atenas, contendo a idéia de que o saber ali não deveria ser apenas ensinado mas sim produzido, idéia que permeia as instituições de ensino até os dias de hoje. Nela ingressou Aristóteles com 17 anos de idade. Mulheres eram admitidas na Academia, mas tinham que vestir-se como homens. A instituição logo adquiriu prestígio e a ela recorreram inúmeros jovens em busca de instrução e até mesmo homens ilustres a fim de debater idéias. Em 367 a.C., Dionísio I morre, e Platão retorna a Siracusa afim de uma vez mais tentar implementar suas idéias políticas na corte de Dionísio II. No entanto, o desejo do filósofo foi novamente frustrado. Em 361 a.C.

volta pela última vez a Siracusa com o mesmo objetivo e pela terceira vez fracassa. De volta a Atenas em 360 a.C., Platão permaneceu na direção da Academia até sua morte. (ROUGUE, 2005)

Sobre seu pensamento, Watanabe (1996) nos diz que Platão desenvolveu a noção de que o homem está em contato permanente com dois tipos de realidade: a inteligível e a sensível. A primeira, é a realidade, mais concreta, permanente, imutável, igual a si mesma. A segunda são todas as coisas que nos afetam os sentidos, são realidades dependentes, mutáveis e são imagens das realidades inteligíveis.

Tal concepção de Platão também é conhecida por Teoria das Idéias ou Teoria das Formas. Foi desenvolvida como hipótese no diálogo Fédon, constitui uma maneira de garantir a possibilidade do conhecimento e fornecer uma inteligibilidade relativa aos fenômenos. Diálogo, de acordo com Watanabe (1996) é como são escritas as obras platônicas em sua maioria, o debate entre as personagens sem a menor intervenção de um interlocutor, a obra é propriamente um “diálogo” entre as personagens.

Para Platão o mundo concreto percebido pelos sentidos é uma pálida reprodução do mundo das Idéias. Cada objeto concreto que existe participa, junto com todos os outros objetos de sua categoria, de uma Idéia perfeita. Uma determinada caneta, por exemplo, terá determinados atributos (cor, formato, tamanho, etc). Outra caneta terá outros atributos, sendo ela também uma caneta, tanto quanto a outra. Aquilo que faz com que as duas sejam canetas é, para Platão, a Idéia de Caneta, perfeita, que esgota todas as possibilidades de ser caneta.

Platão não buscou as verdadeiras essências da forma física como buscavam Demócrito e seus seguidores. Sob a influência de Sócrates buscava a verdade essencial das coisas. Platão não poderia buscar a essência do conhecimento nas coisas, pois estas são corruptíveis, ou seja, variam, mudam, surgem e se vão. Como o filósofo deveria buscar a verdade plena? Deveria buscá-la em algo estável as verdadeiras causas, pois logicamente a verdade não pode variar, se há uma verdade essencial para os homens esta verdade deve valer para todas as pessoas; Logo a verdade deve ser buscada em algo superior. Nas coisas devem ter um outro fundamento, que seja além do físico (metafísico), a forma de buscar estas realidades vem do conhecimento não das coisas, mas do além das coisas. Esta busca racional é contemplativa, isto significa buscar a

verdade no interior do próprio homem. Porém o próprio homem não é meramente sujeito particular, mas como um participante das verdades essenciais do ser.

Para Rogue (2005) Platão assim como seu mestre Sócrates buscou descobrir as verdades essenciais das coisas . O conhecimento era assim o conhecimento do próprio homem, mas sempre ressaltando o homem não enquanto corpo, mas enquanto alma. O conhecimento que continha na alma era a essência daquilo que existia no mundo sensível, assim em Platão também a técnica e o mundo sensível eram secundários. A alma humana enquanto perfeita participa do mundo perfeito das idéias, porém este formalismo só é reconhecível na experiência sensível.

Também o conhecimento tinha fins morais, isto é, levar o homem à bondade e à felicidade. Assim a forma de conhecimento era um reconhecimento, que faria o homem dar-se conta das verdades que sempre já possuía e que o levavam a discernir melhor dentre as aparências de verdades e o que de fato eram as verdades. A obtenção do autoconhecimento era um caminho árduo e metódico.

Referente ao mundo material o homem pode ter somente a *doxa* (opinião) e *téchne* (técnica), que permitia a sobrevivência do homem, ao passo que referente ao mundo das idéias, o verdadeiro conhecimento filosófico, o homem pode ter a *épisthème* (verdadeiro conhecimento).(ROUGUE, 2007)

Platão não defendia que todas as pessoas tivessem iguais acessos à razão. Apesar de todos terem a alma perfeita, nem todos chegavam à contemplação absoluta do mundo das idéias.

A ontologia de Platão diz, então, que algo é na medida em que participa da Idéia desse objeto, ou seja, uma cadeira só será cadeira se no nosso “mundo das idéias” ela se enquadrar como uma cadeira. Nesse caso como no da caneta é irrelevante, mas o foco de Platão são coisas como o ser humano, o bem ou a justiça, por exemplo.

O problema que Platão propõe-se a resolver é a tensão entre Heráclito e Parmênides: para o primeiro, o ser é a mudança, tudo está em constante movimento e é uma ilusão a estaticidade, ou a permanência de qualquer coisa; para o segundo, o movimento é que é uma ilusão, pois algo que é não pode deixar de ser e algo que não é não pode ser, assim, não há mudança.

Ou seja (por exemplo), o que faz com que determinada árvore seja ela mesma desde o estágio de semente até morrer, e o que faz com que ela seja tão árvore quanto outra de outra espécie, com características tão diferentes? Há aqui uma mudança, tanto da árvore em relação a si mesma (com o passar do tempo ela cresce) quanto da árvore em relação a outra. Para Heráclito, a árvore está sempre mudando e nunca é a mesma, e para Parmênides, ela nunca muda, é sempre a mesma e é uma ilusão sua mudança.

Platão resolve esse problema com sua Teoria das Idéias. O que há de permanente em um objeto é a Idéia, mais precisamente, a participação desse objeto na sua Idéia correspondente. E a mudança ocorre porque esse objeto não é uma Idéia, mas uma incompleta representação da Idéia desse objeto. No exemplo da árvore, o que faz com que ela seja ela mesma e seja uma árvore (e não outra coisa), a despeito de sua diferença daquilo que era quando mais jovem e de outras árvores de outras espécies (e mesmo das árvores da mesma espécie) é sua participação na Idéia de Árvore; e sua mudança deve-se ao fato de ser uma pálida representação da Idéia de Árvore. (ROUGUE, 2007)

Platão também elaborou uma teoria gnosiológica, ou seja, uma teoria que explica como se pode conhecer as coisas, ou ainda, uma teoria do conhecimento. Segundo ele, ao vermos um objeto repetidas vezes, uma pessoa lembra-se, aos poucos, da Idéia daquele objeto, que viu no mundo das Idéias. Para explicar como se dá isso, Platão recorre a um mito (ou uma metáfora) que diz que, antes de nascer, a alma de cada pessoa vivia em uma Estrela, onde localizam-se as Idéias. Quando uma pessoa nasce, sua alma é "jogada" para a Terra, e o impacto que ocorre faz com que esqueça o que viu na Estrela. Mas ao ver um objeto aparecer de diferentes formas (como as diferentes árvores que se pode ver), a alma recorda-se da Idéia daquele objeto que foi vista na Estrela. Tal recordação, em Platão, chama-se anamnesis. (ROUGUE, 2007)

Sem dúvida Platão foi um grande influenciador da humanidade, sendo até hoje suas idéias debatidas e discutidas nos meios acadêmicos.

1.2 Mitos

Hoje, a maioria das pessoas que se debruça sobre a Mitologia grega, quer por força da profissão, por curiosidade, por dever intelectual ou mesmo por prazer em conhecê-la, o faz principalmente sobre a interpretação dos mitologemas (narrativas míticas); raros aqueles que retomam a leitura dos mitos tal como eram na sua origem, que retomam o contato direto com os Deuses e Heróis. Mesmo entre aqueles cuja profissão obriga conhecer Mitologia Grega, a maioria permite-se conhecer somente fragmentos desconexos e apenas as interpretações mais correntes vinculadas ao conhecimento mais superficiais das teorias mais populares.

Conhecer os Mitos Clássicos situa-se muito além da enumeração tediosa dos filhos de Zeus ou da publicidade cômica dos adultérios do pai dos deuses. Conhecer a Mitologia Grega não é ser capaz de unir os nomes aos atributos divinos, não rivaliza com uma cultura de almanaque.

A mitologia e o conhecimento dos mitos vincula-se ao conhecimento de temas e formas simbólicas que dizem respeito a conflitos e motivações essenciais para o entendimento do Homem. Os poetas da Grécia Antiga nos deixaram uma mostra riquíssima dos conflitos humanos, pois as narrativas mitológicas não se subordinavam a julgamentos de valores, ainda que intimamente vinculadas às noções de ordem e ética daquele período. (BULFINCH, 2001)

A liberdade poética com que foram tratados os deuses gregos nos permite conhecer algo de muito específico do homem grego da antiguidade e também conhecer elementos determinantes do homem contemporâneo. Esse manancial poético-mitológico possibilita descortinarmos nossas heranças sociais e psíquicas sob a lente simbólica das relações entre os deuses. (BULFINCH, 2001)

Pensar os Mitos, e principalmente os mitos gregos, significa pensar um prisma triangular, pensar nas três faces do prisma. Cada face tem especificidades, recebe um tipo de luz “*de entrada*” e ressurge na outra face completamente transformada e transformadora. As três faces do Mito são RELIGIÃO, ARTE e HISTÓRIA. Três faces de um prisma, formando um todo único e indivisível (BULFINCH, 2001).

- Se olharmos o Mito pela face da Religião, será inevitável vermos também seus desdobramentos na História e na Arte.
- Se olharmos o Mito pela face da Arte, será inevitável vermos também seus desdobramentos na Religião e na História.
- Se olharmos o Mito pela face da História, será inevitável vermos também seus desdobramentos na Arte e na religião.

Mas de que Arte, de que Religião, de que História nós estamos falando? Dos gregos do século VIII antes de Cristo? E que interesse temos nós hoje no mundo deles?

Conhecer os Mitos, sejam eles polinésios, tupinambás, maias, sumérios ou gregos não é o estudo de um fenômeno local e temporal. É o estudo e conhecimento da resposta simbólica do homem diante da natureza interna e externa à sua psique; os Mitos são narrativas que tratam da permanência e da impermânencia dos homens, de sua origem e de sua passagem na terra.

Estudar os mitos, especialmente os gregos, é um ato de auto-conhecimento. Aquilo que os gregos de 2000 a 1000 anos antes de Cristo formularam em narrativas como respostas simbólicas aos seus desconfortos sociais e existenciais diz respeito, não apenas aos problemas “daqueles gregos”, mas também do nosso mundo, nosso tempo, dos desconfortos do homem contemporâneo.

Estudar os Mitos Gregos, as três faces do Mito, do prisma de que falamos anteriormente (Religião, História e Arte), significa estudarmos o nosso mundo, a nossa sociedade e o homem contemporâneo. Não é por acaso que os grandes pensadores, aqueles que desenvolveram as teorias que nos ajudam a compreender o Homem Moderno e Contemporâneo, direta ou indiretamente beberam na fonte da Mitologia Grega.

As narrativas míticas são um convite à interpretação e à mente interrogativa e curiosa, por isso surgiram tantas análises, interpretações, usos, citações e referências, e não o contrário.

Oferecer as narrativas míticas a novos leitores significa convidá-los a participar do jogo, não para assisti-lo, mas para jogar.

Um mito é uma narrativa tradicional com caráter explicativo e/ou simbólico, profundamente relacionado com uma dada cultura e/ou religião. O mito procura explicar os principais acontecimentos da vida, os fenômenos naturais, as origens do Mundo e do Homem por meio de deuses, semi-deuses e heróis (todas elas são criaturas sobrenaturais). Pode-se dizer que o mito é uma primeira tentativa de explicar a realidade.

A explicação mítica é contrária à explicação filosófica. A Filosofia procura, através de discussões, reflexões e argumentos, saber e explicar a realidade com razão e lógica enquanto que o mito não explica racionalmente a realidade, procura interpretá-la a partir de lendas e de histórias sagradas, não tendo quaisquer argumentos para suportar a sua interpretação. Ao mito está associado o rito. O rito é o modo de se pôr em ação o mito na vida do Homem como por exemplo: cerimônias, danças, orações, sacrifícios, etc.

O termo "mito" é, por vezes, utilizado de forma pejorativa para se referir às crenças comuns (consideradas sem fundamento objetivo ou científico, e vistas apenas como histórias de um universo puramente maravilhoso) de diversas comunidades. No entanto, até acontecimentos históricos se podem transformar em mitos, se adquirem uma determinada carga simbólica para uma dada cultura. Na maioria das vezes, o termo refere-se especificamente aos relatos das civilizações antigas que, organizados, constituem uma mitologia - por exemplo, a mitologia grega que é aqui fonte dessa pesquisa.

Todas as culturas têm seus mitos, alguns dos quais são expressões particulares de arquétipos comuns a toda a humanidade. Por exemplo, os mitos sobre a criação do mundo repetem alguns temas, como o ovo cósmico, ou o deus assassinado e esquartejado cujas partes vão formar tudo que existe.

Em síntese, o mito é a forma que o homem encontrava, e certamente ainda encontra, de explicar o que ele não entendia. Isso se aplicou desde às teorias aos fenômenos naturais indo até a tentativa de compreender o ser humano e seus conflitos, que é o objeto maior desse trabalho.

1.3 Os mitos hoje.

Embora não haja uma percepção, os mitos estão muito presentes em nossas vidas sendo muitas vezes encontrados na “sabedoria popular” dos antigos, nas religiões tanto cristã como de qualquer outra vertente, na explicação de inúmeros fatos e acontecimentos do qual desconhecemos a origem. As pessoas podem discordar à primeira vista, mas basta uma simples reflexão acerca de fatos e suas respectivas interpretações para concluirmos o quanto os mitos estão presentes no nosso dia a dia. O gato preto por exemplo, visto por muitos como sinal de mal agouro, há pessoas que temem e chegam a elaborar outros rituais na idéia de se defender do mesmo ao cruzarem com um felino de cor negra. Tal qual o gato preto, há a coruja onde se acredita que seu canto é pressagio para a morte de algum familiar próximo.

Se pensarmos nas religiões cristã, toda a origem de sua história é fundamentada por mitos, a começar pela história do nascimento do universo, a origem do homem e a conhecida passagem bíblica sobre a serpente que engana Eva e a faz comer uma maçã proibida. Mas pensando nos rituais atuais dessas religiões, todas elas mantêm vivas tradições mitológicas como santa ceia, batismos, exorcismos, etc. Valorizam de tal forma esses rituais tal qual um grego antigo cria em seus mitos.

Em síntese, os mitos estão presente na vida de todos de forma direta ou indireta e com uma força muito grande pois em sua maioria são embutidos em nossas mentes desde a nossa infância o que os torna muito difíceis de serem ignorados pelos indivíduos. Não apenas os antigos, mas cada vez mais mitos modernos são criados para explicar fenômenos ou para própria proteção dos indivíduos.

1.4 Fedro.

O mito da parelha alada, “ícone” deste trabalho, encontra-se no livro “Fedro” de aproximadamente 366 a.C tendo por autoria o já mencionado filósofo grego Platão.

O livro é tido por especialistas como Bloom (2003) um dos mais célebres e sugestivos diálogos do autor, por muitas vezes chegando a ser considerado resumo de toda a filosofia platônica.

Composto por diálogos entre Sócrates e Fedro, cada qual opinam sobre o amor e sua intensidade dramática expondo suas idéias de forma magnífica fazendo de Fedro uma obra-prima do pensamento humano.

1.5 O Mito da parelha Alada

Para alguns estudiosos esse mito traduz muito das idéias cosmológicas de Platão. Sócrates, recorre a esse mito para explicar ao jovem Fedro o caminho que uma alma percorre até atingir um grau de elevação superior contemplando a verdade e desvencilhando-se das coisas terrestres. Para isso tem de chegar até a abobada celeste onde ocorre um banquete, simbolizando as delícias que uma alma gozaria chegando no final de seu percurso. Parelha alada seria uma espécie de carruagem puxada por dois cavalos, e é esse o ponto de maior interesse nesse trabalho. A alma é dividida por Sócrates em três partes que vão constituir a parelha alada, uma dessas partes representará um dos cavalo sendo um animal “belo e bom”, a segunda parte dessa divisão representará o outro cavalo, dessa vez um cavalo de “raça ruim e natureza avessada”. Por fim, a última parte da alma representa o cocheiro que tem por missão conduzir a carruagem a seu destino. No diálogo Sócrates explica a Fedro a dificuldade em conduzir a carruagem pois os dois cavalos estão em constante conflitos cada qual buscando objetos que os satisfaçam. Desta inicial apresentação do mito já se percebe a relação do mesmo com a estrutura do inconsciente, melhor explicado neste mesmo trabalho posteriormente.

2 FREUD

2.1 Breve Histórico

Há com certeza muito a se dizer sobre Freud, apegamo-nos no entanto a uma sucinta descrição histórica fornecida por Schultz & Sydney (1981). Sigmund Freud nasceu em Příbor cidade da República Tcheca em 6 de maio de 1856 vindo a óbito em Londres na data de 23 de setembro de 1939. Iniciou os estudos na universidade aos 17 anos e tomou-lhe inesperadamente bastante tempo até a graduação, em 1881. Registros de amigos que o conheciam naquela época, assim como informações nas próprias cartas escritas por Freud, sugerem que ele foi menos diligente nos estudos de medicina do que devia ter sido. Em lugar dos estudos, ele atinha-se à pesquisa científica, inicialmente pelos estudos dos órgãos sexuais de enguias — um estranho, mas interessante presságio das teorias psicanalíticas que estariam por vir vinte anos mais tarde. De acordo com os registros, Freud completa tal estudo satisfatoriamente, mas sem distinção especial. Em 1877, desapontado com os resultados e talvez menos excitado em enfrentar mais dissecações de enguias, Freud vai ao laboratório de Ernst Brücke, que torna-se seu principal modelo de ciência.

Com Brücke, Freud entra em contato com a linha fisicalista da Fisiologia. O interesse de Brücke não era apenas descobrir as estruturas de órgãos ou células particulares, mas sim suas funções. Dentre as atribuições de Freud nesta época estavam o estudo da anatomia e da histologia do cérebro humano. Durante os estudos, identifica várias semelhanças entre a estrutura cerebral humana e a de répteis, o que o remete ao então recente estudo de Charles Darwin sobre a evolução das espécies e à discussão da "superioridade" dos seres humanos sobre outras espécies.

Freud então conhece Martha Bernays e parece ter sido amor à primeira vista. O seu desejo de desposar Martha, o baixo salário e as poucas perspectivas de carreira na pesquisa científica — o próprio Brücke aconselha-o a mudar, apesar do bom desempenho de Freud, e com razão, já que Freud precisava ganhar dinheiro — fazem-no abandonar o laboratório e a começar a trabalhar no Hospital Geral, o principal hospital de Viena, passando por vários departamentos do mesmo.

No hospital, depois de algumas desilusões com o estudo dos efeitos terapêuticos da cocaína — com inclusive um episódio de morte por overdose de um amigo da época do laboratório de Brücke —, Freud recebe uma licença e viaja para a França, onde trabalha com Charcot, um respeitável psiquiatra do hospital psiquiátrico Salpêtrière que estudava a histeria.

De volta ao Hospital Geral e entusiasmado pelos estudos de Charcot, Freud passa a atender, na maior parte, jovens senhoras judias que sofriam de um conjunto de sintomas aparentemente neurológicos que compreendiam paralisia, cegueira parcial, alucinações, perda de controle motor e que não podiam ser diagnosticados com exames. O tratamento mais eficaz para tal doença incluía, na época, massagem, terapia de repouso e hipnose.

Apenas em 1886 Freud casa-se com Martha, com a ajuda financeira de alguns amigos mais abastados, dentre eles Josef Breuer, um colega mais velho da faculdade de medicina. Foi com as discussões de casos clínicos com Breuer que surgiram as idéias que culminaram com a publicação dos primeiros artigos sobre a Psicanálise.

O primeiro caso clínico relatado deve-se a Breuer e descreve o tratamento dado a uma paciente (Bertha Pappenheim, chamada de "Anna O." no livro), que apresentava vários sintomas clássicos de histeria. O método de tratamento consistia na chamada "cura pela fala" ou "cura catártica", na qual a paciente discute sobre as suas associações com cada sintoma e, com isso, os faz desaparecer. Esta técnica tornou-se o centro das técnicas de Freud, que também acreditava que as memórias ocultas ou "reprimidas", nas quais baseavam-se os sintomas de histeria, eram sempre de natureza sexual. Breuer não concordava com Freud neste último ponto, o que levou à separação entre eles logo após a publicação dos casos clínicos.

Na verdade, a classe médica em geral acaba por marginalizar as idéias de Freud inicialmente; seu único confidente durante esta época é o médico Wilhelm Fliess. Depois que o pai de Freud falece, em outubro de 1896, segundo as cartas recebidas por Fliess, Freud, naquele período, dedica-se a anotar e analisar seus próprios sonhos, rementendo-o à sua própria infância e, no processo, determinando as raízes de suas próprias neuroses. Tais anotações tornam-se a fonte para a obra *A Interpretação dos Sonhos*. Durante o curso desta auto-análise, Freud chega à

conclusão de que seus próprios problemas eram devidos a uma atração por sua mãe e a uma hostilidade ao seu pai. É o famoso "complexo de Édipo", que se torna o coração da teoria de Freud sobre a origem da neurose em todos os seus pacientes.

Nos primeiros anos do século XX. são publicadas suas obras *A Interpretação dos Sonhos* e *A Psicopatologia da Vida Cotidiana*. Nesta época. Freud já não mantinha mais contato nem com Josef Breuer, nem com Wilhelm Fliess. No início, as tiragens das obras não animavam Freud, mas logo médicos de vários lugares — Eugen Bleuler, Carl Jung, Karl Abrahams, Ernest Jones, Sandor Ferenczi — mostram respaldo às suas idéias e passam a compor o Movimento Psicanalítico.

Médico neurologista e fundador da Psicanálise. Interessou-se inicialmente pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudou pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, com interesses pelo inconsciente e pulsões, entre outros, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre que consistia permitir que a pessoa em análise deixasse vir à tona, através da fala, tudo que lhe viesse à mente. Freud então pedia que as pessoas falassem de forma totalmente espontânea e sem censurar nenhum tipo de pensamento mesmo que ele parecesse não ter a menor importância ou lógica para o paciente. Dessa forma Freud acreditava que o indivíduo seria capaz de trazer à tona seus conflitos sem o uso da hipnose, o que de fato deu certo, essa técnica é usada até os dias de hoje por psicólogos e psiquiatras do mundo todo. Estes elementos tornaram-se as bases da Psicanálise. Freud, além de ter sido um grande cientista e escritor, possui o título, assim como Darwin e Copérnico, de ter realizado uma revolução no âmbito humano: a idéia de que somos movidos pelo inconsciente. Freud então teria sido causador da terceira ferida narcísica na humanidade. Enquanto Darwin disse que os seres humanos provinham do macaco e não da criação divina “dessantificando” o homem como imagem e semelhança de Deus, Copérnico evidenciou que a Terra era um mero planeta perdido no universo e que girava em torno do sol e não era o centro do universo como acreditava a humanidade da época, por fim, Freud lançou sua teoria do inconsciente tirando do homem a razão sobre seus próprios atos, dizendo que éramos influenciado por um inconsciente do qual não tínhamos acesso e muito menos controle. Essa sua descoberta do inconsciente foi pilar para formulação de inúmeros conceitos do autor.

Pode-se dizer que Freud inovou grandemente e de forma simultânea em dois campos com sua teoria do inconsciente influenciando a conduta humana, e uma técnica terapêutica para ajudar pessoas afetadas psiquicamente.

Provavelmente, a proposta do inconsciente ser tratado de forma científica foi a contribuição mais significativa que Freud fez ao pensamento moderno. Seus conceitos de inconsciente, desejos inconscientes e repressão foram revolucionários; propõem uma mente dividida em camadas ou níveis, dominada em certa medida por vontades primitivas que estão escondidas sob a consciência e que se manifestam nos lapsos e nos sonhos.

Em sua obra mais conhecida, *A Interpretação dos Sonhos*, (1899) Freud explica o argumento para postular o novo modelo do inconsciente e desenvolve um método para conseguir o acesso ao mesmo, tomando elementos de suas experiências prévias com as técnicas de hipnose.

Como parte de sua teoria, Freud postula também a existência de um pré-consciente, conceito abandonado posteriormente, que descreve como a camada entre o consciente e o inconsciente. A repressão em si tem grande importância no conhecimento do inconsciente. De acordo com Freud, as pessoas experimentam repetidamente pensamentos e sentimentos que são tão dolorosos que não podem suportá-los. Tais pensamentos e sentimentos (assim como as recordações associadas a eles) não podem ser expulsos da mente, mas, em troca, são expulsos do consciente para formar parte do inconsciente.

Embora ao longo de sua carreira Freud tenha tentado encontrar padrões de repressão entre seus pacientes que derivassem em um modelo geral para a mente, ele observou que pacientes diferentes reprimiam fatos diferentes. Observou ainda que o processo da repressão é em si mesmo um ato não-consciente (isto é, não ocorreria através da intenção dos pensamentos ou sentimentos conscientes). Em outras palavras, o inconsciente era tanto causa como efeito da repressão.

Sem dúvida, Freud é um dos personagens mais ilustres do pensamento humano, assim como Platão, um dos maiores influenciadores da humanidade que revolucionou o pensamento científico moderno.

2.2 Divisão do Inconsciente.

Freud procurou uma explicação à forma de operar do inconsciente, propondo uma estrutura particular. Propôs um inconsciente dividido em três partes, criando a segunda tópica: o eu ou ego, o id e o superego.

Ele estava especialmente interessado na dinâmica destas três partes da mente. Argumentou que essa relação é influenciada por fatores ou energias inatas, que chamou de pulsões. Descreveu duas pulsões antagônicas: Eros, uma pulsão sexual com tendência à preservação da vida, e Tanatos, a pulsão da morte. Esta última representa uma moção agressiva, apesar de às vezes se resolver em uma pulsão que nos induz a voltar a um estado de calma, princípio de nirvana ou não-existência, que se baseou em seus estudos sobre protozoários.

O autor também acreditava que a libido amadurecia nos indivíduos por meio da troca de seu objeto (ou objetivo). Argumentava que os humanos nascem "polimorficamente perversos", no sentido de que uma grande variedade de objetos possam ser uma fonte de prazer. Conforme as pessoas vão se desenvolvendo, também vão fixando-se sobre diferentes objetos específicos em distintas etapas: a etapa oral (exemplificada pelo prazer dos bebês na lactação); a etapa anal (exemplificada pelo prazer das crianças ao controlar sua defecação); e logo a etapa fálica. Propôs então que chega um momento no qual as crianças passam a uma fase onde se fixam no progenitor de sexo oposto (complexo de Édipo) e desenvolveu um modelo que explica a forma na qual ajusta-se este padrão no desenvolvimento da dinâmica da mente. Cada fase é uma progressão pelo amadurecimento sexual, caracterizada por um forte Eu e a habilidade para retardar a necessidade de recompensas.

2.3 Id

Sobre o id corresponde ao que Freud denominava "inconsciente". Está relacionado aos desejos mais primitivos sendo permeado por pulsões sexuais e perversas. É a parte mais inacessível da estrutura da mente, para Freud o id desconhecia qualquer tipo de valor, moral, bem ou mal, ele busca apenas a satisfação imediata desconsiderando as circunstância da realidade objetiva, ele é, portanto, movido pelo princípio do prazer que teria relação com a redução da

tensão pela busca do prazer e da evitação da dor. É no id que estaria contida nossa energia psíquica básica denominada libido.

2.4 Superego

Quanto ao superego, tem estrutura contrária ao id, é constituído por pensamentos morais e éticos aprendidos durante toda a vida do indivíduo, principalmente durante a infância através da internalização de regras que nos são passadas por nossos pais e por instituições a qual somos inseridos. Nesse caso, id e superego se opõem totalmente, cada qual de certa forma buscando sua satisfação nas ações humanas.

2.5 Ego

Já o ego é a instância que compõem a consciência, é ele quem viabiliza a satisfação do id e do superego e o contato de ambas com a realidade. Ao contrário do Superego, ele não vai totalmente contra o id, mas tenta sempre adiar sua satisfação. O ego tem sua existência vinculada ao id, é dele que deriva sua força, portanto serve para ajudar e viabilizar, mesmo que de uma forma contida, a satisfação do id. O ego deve então direcionar o id não permitindo que ele realize toda sua satisfação de forma desenfreada.

2.6 Freud e suas analogias gregas.

A obra freudiana é sem dúvida de riqueza literária, sem falar científica, extraordinária. Ao lermos suas obras é nos apresentado inúmeras referências a grandes clássicos. Autores como Shakespeare, Dante e Homero dentre outros serviram de análise e exemplificação para as teorias do pai da psicanálise. Até mesmo livros sagrados como a Bíblia cristã foi interpretada e exemplificada por Freud.

Da mesma forma se deu com autores gregos, a teoria intitulada “complexo de Édipo”, uma das mais conhecidas teorias freudianas, talvez seja o maior exemplo, a teoria tem sua raiz

grega desde sua intitulação. Freud elaborou tal teoria com base no mito de Sófocles (496 a.C – 406 a.C), um dos mais importantes escritores de tragédia ao lado de Ésquilo e Eurípedes (Bloom, 2003). O mito conta a história do jovem Édipo cujo oráculo havia previsto a seu pai Laio, rei de Tebas, que seu filho, que acabara de nascer, o mataria roubando seu trono e até mesmo sua esposa. Receoso Laio manda que o filho seja morto, porém, o carrasco se compadece e apenas abandona o recém nascido Édipo. Após muitos anos, Édipo coincidentemente acaba de fato matando o pai e se casando com sua própria mãe. Ao descobrir tal tragédia fura seus próprios olhos enquanto sua mãe, Jocasta, se suicida.

Com base nessa história Freud fez referência a suposta ameaça de castração que a criança sentiria ao longo de seu desenvolvimento, bem como o desejo de “tomar o lugar” do pai, no caso do menino e ter sua mãe só para si. (GOODWIN, 2005).

Esse fato deixa clara a primeira idéia que se pretende nesse trabalho que é a certeza de que Freud era conhecedor da literatura grega e dedicou a ela espaço importante de pesquisa e exemplificação para suas teorias.

3 AS RELAÇÕES ENTRE OS AUTORES

3.1 “Tendências que nos governam” e as teorias freudianas.

No livro Fedro (366 a.C) o qual usamos como referência para o presente trabalho, encontramos um trecho interessante que vem bem de encontro aos objetivos propostos nesse projeto:

“(...)devemos, além disso, examinar o seguinte: em cada um de nós há dois princípios que nos governam e conduzem, e nós os seguimos para onde nos levam: um é o desejo inato do prazer, outro a opinião que pretende obter o que é melhor. Essas duas tendências que existem dentro de nós concordam por vezes, em outras entram em conflito, por vezes vence uma e por vezes a outra” (Platão, 2001, p. 69).

Nesse trecho do livro, que é uma fala de Sócrates, o que já nos permite dizer ser um conceito seguido e pregado por Platão, a idéia que será posteriormente discutida na forma de mito, neste ponto é explicitamente exposta. Percebe-se no texto uma falta de termos científicos para suas definições, carência essa que Freud brilhantemente supriu. No entanto, a idéia que se quis passar nesse trecho, mesmo ele sendo apenas uma espécie de parênteses para o verdadeiro assunto das personagens, é que o ser humano não tem total controle sobre as “forças” que o regem, dando a idéia, conseqüentemente, que existe algo em nós mesmo que não conhecemos e que pode nos influenciar. Mais do que isso, essas forças foram divididas em duas e cada qual obtendo um papel, por um lado o que foi posto como desejo inato do prazer, do outro a “opinião que se pretende obter o que é melhor”. É muito peculiar com os conceitos séculos mais tarde criados por Freud sendo o id certamente o que no livro de Platão é tido como desejo inato do prazer e o superego com o que é dito opinião que se pretende obter o que é melhor. Com base no trecho em destaque, temos ainda a opinião socrática dizendo que por vezes essas “tendências” concordam em seus atos, em outros momento não e isso geraria um “conflito”, onde uma das tendências seria atendida e a outra não. O que se quis dizer no livro de Platão é que o fato da escolha entre seguir uma tendência seria desgastante e geraria o conflito. Recorrendo ao Dicionário Técnico de Psicanálise (CABRAL & NICK, 2006) obtemos a seguinte definição do termo “conflito”:

“conflito – funcionamento simultâneo de impulsos opostos ou contraditórios. O estado em que a pessoa se encontra quando impulsos, tendências ou sentimentos antagônicos foram desencadeados e é necessário fazer uma opção sem a qual o conflito não se resolverá e redundará em frustração” (CABRAL & NICK, 2006, p. 64).

Com linguagens diferentes, percebe-se que a definição platônica de conflito, quanto a sua origem, estrutura e conseqüência é totalmente idêntica a definição dada por um dicionário de Psicanálise atual. Ambos vêem o conflito oriundo de uma dúvida entre uma escolha ou outra, dúvida gerada por sentimentos antagônicos.

Por fim, nota-se novo paralelo entre Platão e Freud no que diz respeito a divisão que nos influenciou que Sócrates, através de Platão, nomeou “tendências que nos regem” dividindo-nas em “desejo inato do prazer” e “opinião que se pretende obter o que é melhor” enquanto Freud nos revela sua teoria do inconsciente revelando-nos o Id, Ego e o superego.

3.2 O Daimónion de Sócrates e o Superego.

Não é difícil numa conversa informal do dia-a-dia, principalmente entre os leigos em psicologia e psicanálise, as pessoas reportarem a estranhos sentimentos que as obrigaram a fazer tal ação mesmo não querendo mas achar que aquilo era o certo. Quantas e quantas pessoas, tarde da noite, mesmo sem qualquer tipo de fiscalização, não ousam ultrapassar um sinal vermelho. Há pessoas que chegam a exteriorizar essa necessidade de fazer o que é certo chegando a relatar que parecem ouvir uma voz dizendo para fazer o que é certo. O que as pessoas em geral não sabem é que, provavelmente, estão sendo influenciadas pela ação do superego, termo freudiano já explicado neste trabalho. Ciente do papel do Superego e da definição freudiana, analisemos o texto a seguir:

“(...)caro amigo! Quando quis atravessar o regato despertou em mim o daimónion e manifestou-se o sinal costumeiro. Ele sempre me impede de fazer o que desejo. Pareceu-me ouvir uma voz que vinha de cá de dentro e que não me permitia ir embora antes de oferecer aos deuses uma expiação, como se eu houvesse cometido alguma impiedade” (Platão, 2001, p. 76).

Com base no conhecimento científico de psicologia e psicanálise, identificamos de imediato que possivelmente o Daimónion exerce sobre Sócrates, que é o interlocutor dessa fala, o papel do superego. Sócrates, como relataria uma pessoa de nosso tempo, fala das vezes que não pode fazer o que de fato queria sendo impedido por uma voz, imagina-se, pelo contexto que os atos geralmente barrados pela voz seriam atos socialmente reprováveis, pois ao que parece o daimónion cobrava de Sócrates o lado social e religioso como se mostra no trecho em destaque. O filósofo então se vê obrigado a expiar um crime que acabará de cometer. Esse crime seria a profanação do deus do amor, Sócrates teria elaborado um discurso impiedoso ao deus e agora, como forma de expiar seu ato, elabora um novo discurso exaltando o deus. O interessante é a relação com nossa contemporaneidade, quantas pessoas não conseguem sair de casa sem pedir a proteção de Deus ou de algum santo, e quantos não se culpam ou mesmo se punem por cometerem atos reprováveis por seu superego. Quantas e quantas pessoas não são diariamente surpreendida por seu daimónion? A conclusão que sugere a análise desse trecho do livro de Platão, é que novamente, de forma menos elaborada, a idéia de superego já permeava a imaginação dos gregos, e considerando que essa obra foi lida por Freud, pode-se concluir que o criador da psicanálise conseguiu identificar a ação do superego em Sócrates e mais que isso, conseguiu relacionar a mesma ação em pessoas de sua época ou mesmo seus pacientes, dessa forma tendo mais essa fonte grega colaborado para a formação de um conceito freudiano.

3.3 O mito da parelha alada, ponto máximo de encontro entre os autores.

O mencionado mito é tido como ponto central desse estudo por permitir uma junção de todas as analogias já feitas. A seguir segue os trechos de principais referência a esse projeto.

“(...)o cocheiro que nos governa rege uma parelha na qual um dos cavalos é belo e bom, de boa raça, enquanto o outro é de raça ruim e de natureza arrevesada. Assim, conduzir o nosso carro é ofício difícil e penoso” (Platão, 2001, p. 82).

Esse trecho do início do mito, nos permite reflexões que já foram realizadas. Conforme já esclarecido anteriormente, Sócrates faz uso desse mito para descrever como seria a caminhada do homem até um banquete realizado no olimpo. Para isso o condutor da parelha, que nada mais é

do que uma carruagem, precisa percorrer um longo caminho conduzindo os dois cavalos que puxam a carruagem. Há então uma divisão em três partes o cavalo bom que tende para as regras, o belo e o certo, contrariando, o cavalo mal tenderia às paixões humanas e todos seus instintos e, por fim, o condutor que teria a difícu missão de conduzir a carruagem e controlar os dois cavalos tão diferentes um do outro.

Percebe-se a mesma divisão de partes para a alma no livro de Platão e para a estrutura do inconsciente de Freud. Ambas são divididas em três partes tendo um lado bom, um ruim e um interveniente entre essas duas partes, para Platão os cavalos, para Freud id e superego. O interveniente no mito é o cocheiro enquanto para Freud é o ego.

Adiante, Sócrates, através de Platão continua:

“(...)no principio do mito dividi cada alma em três partes, sendo dois cavalos e a terceira, o cocheiro. Assim devemos continuar. Dissemos que um dos cavalos é bom e ou outro não” (Platão, 2001, p. 90).

Saindo da narrativa, Sócrates faz um resumo até então do que havia dito no mito enfatizando a diferença de caráter entre os dois cavalos, percebe-se que a autoria é denotada a ele próprio. Retomando ao mito, o diálogo prossegue:

“(...)o cavalo bom tem um corpo harmonioso e bonito; pescoço altivo, focinho curvo, cor branca, olhos pretos; ama a honestidade e é dotado de sobriedade e pudor, amigo como é da opinião certa. Não deve ser fustigado e sim dirigido apenas pelo comando e pela palavra. O outro – o mau – é torto e disforme; segue o caminho sem firmeza; com pescoço baixo, tem um focinho achatado e a sua cor é preta; seus olhos de coruja são estriados de sangue; é amigo da soberba e da lascívia; tem orelhas cobertas de pelos. Obedece apenas a contragosto ao chicote e ao açoite” (Platão, 2001, p. 90-91).

Neste momento do mito, o autor já passa para a definição dos cavalos, nesse instante, podemos notar que a estrutura que oriunda a formação do bom cavalo é a mesma que permeia o superego, ao mesmo tempo que as mesmas características do mau cavalo encontram pares na descrição do id.

O cavalo bom é descrito harmonioso e bonito, é tido como um cavalo que ama a honestidade sendo dotado de sobriedade e pudor. A formação do superego se dá exatamente pela interiorização de conceitos passados através dos pais e instituições que obviamente pregam a criança a honestidade a sobriedade e o pudor. Em outras palavras, o cavalo bom é definido como um animal paciente, equilibrado e que sente aversão ao que há de errado no mundo, buscando

uma referencia no livro de Platão, seria um cavalo que superou as ilusões da terra e almeja apenas o banquete celestial para o qual caminham.

Já o cavalo ruim, tem seu interesse ainda na terra, o que dificulta a caminhada ao céu. Podemos relacionar o interesse nas coisas terrestres com os instintos descritos por Freud e presentes no Id. Seria esse cavalo então uma alegoria ao Id enquanto o cavalo bom, uma alegoria ao superego.

O cavalo ruim é descrito com termos que perfeitamente remetem a idéia de instinto e atos tipicamente humanos como a soberba e lascívia, que é um termo referente a sensualidade, libidinagem e luxuria. Ou seja, o que há de mais humano no ser humano e que aprendemos a combater através do superego.

Por fim temos ainda o ego, a estrutura que Freud acreditava intermediar as pulsões do id e as exigências do superego, é essa instância que tem a difícil missão de satisfazer as duas tendências e intermediá-las com a realidade. Da mesma forma agia o condutor da carruagem no mito de platão, ele quem controlava os dois cavalos tendo hora que seguir os instintos do bom mal cavalo e por vezes seguir as regras do bom cavalo, missão complicada e causadora de sofrimento da mesma forma como nós humanos sofremos nas difíceis escolhas entre seguir o id ou acatar as regras do superego.

Em suma, o que se pode identificar, é a semelhança estrutural entre o mito da parelha alada e a estrutura psicanalítica do inconsciente. Ambas divididas em três partes sendo um lado bom, um ruim e um interveniente. Todas essas instâncias seguem a mesma descrição e padecem das mesmas dificuldades e sofrimentos.

Conclusão

O valor dos mitos gregos como espelho da condição humana tem sido confirmado pela ciência contemporânea, através de estudos e pesquisas cuidadosas, em várias áreas do conhecimento. Desde Freud, a psicanálise se utilizou de vários mitos da Grécia antiga, para firmar conceitos que perduram até hoje no corpo da teoria. Por esse motivo, qualquer estudo que direcione o olhar aos mitos gregos é de significativa importância para a área acadêmica, por ser sempre uma fonte rica que permite as mais diversificadas pesquisas e as mais diferentes interpretações.

É importante um olhar científico aos mitos, é fundamental pensarmos no valor dos mesmos para a sociedade atual e de como eles ainda permeiam nossa vida mesmo que de formas já atualizadas.

Com base no decorrido ao longo do trabalho é perceptível uma grande relação quando se pensa nas significações e estruturas dos mitos gregos e as teorias freudianas, mesmo que cada qual tenha seu segmento de linguagem peculiar há sem dúvidas inter-relações entre elas. Certamente houve uma leitura atenciosa de Freud para com os mitos gregos, certamente ele buscou na mitologia, além de uma exemplificação, toda uma explicação e estrutura para seus conceitos.

Em relação ao tema principal desse trabalho: A relação entre o mito da pãlha alada e a estrutura do inconsciente, a conclusão é a mesma. Há grande similaridade entre o mito e a teoria, cada qual na sua forma, possuem a mesma estrutura, abordam o mesmo tema e concluem a mesma idéia que é a difícil tarefa do indivíduo para mediar pulsões e as cobranças impostas pelo superego.

Referencias Bibliográficas:

BLOOM, H. **Gênio**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

BULFINCH, T. **O livro de ouro da mitologia** : História de deuses e heróis. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

CABRAL, Á. N., E. **Dicionário Técnico de Psicanálise**. São Paulo: Cultrix, 2006.

GAY, P. *Freud* : **Uma vida para o nosso tempo**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

GOODWIN, C. J. **História da Psicologia Moderna**. São Paulo: Cultrix, 2005.

JUNG, G. C. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

MEZAN, R. *Freud*: **A trama dos conceitos**. S. Paulo: Perspectiva, 1982.

PLATÃO. **Fedro**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

ROGUE, C. **Comprender Platão**. Petrópolis: Vozes, 2005.

SCHULTZ, D. P. S. SYDNEY E. **História da Psicologia Moderna**. São Paulo: Cultrix, 1981.

WATANABE, L. A. **Platão**: por mitos e hipóteses. São Paulo: Moderna, 1996.